

Sonho de uma cidade do interior

Romance

Tom Azevedo

Para Sandra

Capítulo 1

Em uma madrugada fria, um homem com uma mala atravessava as ruas desertas de uma cidade do interior. Ele se agasalhava com um pulôver de lã por baixo do paletó, tanto frio fazia, mas não calçava luvas e a friagem enregelava suas mãos, em particular a que segurava a alça da mala, uma vez lhe ser facultado esconder no bolso a outra mão. Às vezes a mala fazia baldeação e passava de uma mão a outra – e mudava a mão que ele protegia do frio enfiando-a no bolso. E

ele olhava a um lado e outro, como se à procura de um endereço.

Talvez não procurasse um endereço.

Podia causar a impressão de ter passado antes pela cidadezinha e no momento não estar bem certo de se tratar efetivamente da mesma cidade do interior onde havia estado, pois cidades do interior se parecem umas com as outras e procurava reconhecer os logradouros públicos, esquinas e ruas transversais.

Podia dar-se o caso de não se tratar da cidade do interior onde havia estado anteriormente.

Ele não era diferente de tantos vultos espectrais de viajantes noturnos, que acordam de madrugada, pois vão embarcar em um trem, que parte antes do alvorecer e assim tão cedo se dirigem à estação.

No meio da noite, pululavam sombras nas ruas silenciosas. E todo tipo de vultos.

A circunstância de carregar uma mala poderia ser prova suficiente de que se tratava de um viajante, porém não estava de partida e sim acabava de chegar à cidade, em um trem que ainda se encontrava lá parado na estação.

A cidade era cinzenta, à noite - melhor dizendo, de madrugada. E havia névoa - ou caía uma garoa.

As mariposas não se importavam com as condições do tempo e esvoaçavam em torno da luz amarela dos lampiões de rua.

* *

Provavelmente, o homem apenas procurava um hotel, para passar as últimas horas da noite. O fato é que encontrou um. Precisou acordar o atendente, que era também o proprietário, mediante a pressão de um dos seus dedos no botão da campainha. Passados alguns minutos, um sonolento dono de hotel desceu por uma escada do outro lado da porta e começou a dar voltas com a chave na fechadura.

A porta se abriu.

- Boa-noite - disse o homem da mala.

O estremunhado dono do hotel esfregou os olhos e deu uma boa olhada no viajante noturno. Observou a mala, na calçada, ao lado dele, ele próprio, o recém-chegado, esfregando uma na outra as mãos por causa do frio. Mostrava-se até certo ponto encarangado, uma figura

um tanto patética. Só podia querer um quarto.

- O senhor quer um quarto - disse o hoteleiro, torcendo o canto da boca, olhando de baixo para cima, com a cabeça um pouco tombada para o lado e sacudindo um dedo, tudo com notável sabedoria.

- Como sabe? - perguntou o desconhecido.

O dono do hotel fez espaço para que o estranho entrasse. O passageiro do expresso noturno entrou com sua mala, o dono do hotel tornou a fechar a porta, com todas aquelas voltas da chave na fechadura e, enquanto galgavam os degraus da escada, que eram de madeira, de modo que rangiam, um pouco, sob o peso das passadas duplas, alguns quilos a mais, os da mala, o hoteleiro

precedendo o viajante, o segundo ouviu do primeiro a explicação.

- É que tem um trem a essa hora. O senhor deve ter vindo nele. É comum chegar hóspede no meio da noite.

Na portaria, o dono do hotel assumiu as funções de recepcionista, por trás de um balcão de madeira envernizada.

- Precisa preencher uma ficha. Por favor.

O viajante limitou-se a assinar o nome no registro de hóspedes.

- Vendedor...?

- Nem sim nem não. Um pouco de tudo. E não é sempre que tenho sono - mas, agora, tenho. Estou pensando em dormir um pouco. Qual o meu quarto?

- Não há necessidade de pagamento adiantado.

- Ah, sim. Desculpe. Quanto é o pernoite?

O novo hóspede fez menção de enfiar a mão no bolso para tirar dinheiro.

- Se acabo de dizer que não é necessário. O senhor tem cara de caixeiro-viajante.

- É só a cara. Tenho mesmo?

- Vou lhe dar sua chave.

Em um tabuleiro na parede atrás dele, onde havia muitas chaves penduradas, todas com a numeração correspondente, estampada com letras pretas em um penduricalho de madeira, o hoteleiro colheu uma.

- É no fim do corredor.

- Obrigado. Boa-noite.

O viajante pegou a chave, tornou a empunhar sua mala, fez meia-volta e tomou a direção indicada pelo dono do hotel. Embarafustou pelo corredor. Não tardou a encontrar a porta com o mesmo

número da chave. Abriu a porta e entrou no quarto. Acendeu a luz.

Quando o mais novo hóspede do hotel ia abrir sua mala, colocada sobre um banco de ripas arrimado à parede, o dono do hotel chegou atrás dele.

- É o tio Ordálio quem faz esses bancos. Toca saxofone, também. Tem um em cada quarto.

- Saxofone?

- Banco. Ele é marceneiro.

- Preciso de toalha, sabonete...

- E outros petrechos. Tem tudo aqui. Eu trouxe. Esteja bem-instalado.

- Obrigado. Boa-noite.

* *

Pela manhã, o Sr. Tudo ou Nada Mais ou Menos a Mesma Coisa, ao sair do quarto, levava a mala. Mostrava-se um tanto ou quanto absorto, esta manhã. Olhava ao seu redor com ar ainda mais atordoado do que durante a madrugada, parecendo se perguntar como chegou ao hotel - ou, enfim, que lugar era esse e o que vinha a ser um hotel, afinal.

Deixou a chave na portaria. Lançou um olhar à sala de estar, o limbo dos hóspedes que não tinham o que fazer – mesinha de centro, uma pilha de revistas velhas, cadeiras ou poltronas para que se sentassem. Dependendo da categoria do hotel, um aparelho de televisão, em geral preto e branco, que às vezes funcionava, para que os hóspedes ociosos fingissem enganar o tédio. O novo hóspede como que se perguntava se teria de passar mais uma vez por toda esta tortura.

Não era tão cedo e, por trás do verniz da madeira do balcão da portaria, o Sr. Coça a Orelha lia um jornal. Pendurou a chave na parede atrás dele sem olhar para o hóspede. Este, por sua vez, não ouviu o bom-dia resmungado do dono do hotel.

Era um jornal local? Pior ainda.

Com um suspiro, o hóspede ia sair, chegou a dar alguns passos arrastados em direção à escada, mais soterrado sob o peso da mala do que ao chegar, pela madrugada, quando o dono do hotel o chamou.

- Sr. Assinatura Complicada!

Parou e olhou para trás. Deixou no chão a mala, enfiou a mão no bolso da calça e puxou dinheiro. Caminhou de volta para o balcão.

- Já ia me esquecendo. Agora estou mais descansado. Quanto lhe devo?

O dono do hotel ignorou o dinheiro na mão dele.

- Está de partida? - perguntou.

- Não. Vou voltar. Só vou dar uma volta. Eu trabalho.

- Pode assinar de novo? De maneira que se possa ler. Pode? Por favor. Obrigado.

Tornou a guardar no bolso o dinheiro. Como assinar de modo a que se pudesse ler?

- Olha. Tenta você.

Tirou do bolso uma identidade e colocou-a sobre o balcão. O dono do hotel copiou o nome no registro de hóspedes. O hóspede em questão olhou de passagem os garranchos e lhe pareceu ainda mais ilegível. Enfim!

- Posso ir, agora?

- Vai voltar, não vai? Ainda quer o quarto?

O dono do hotel devolveu a identidade do novo hóspede.

Dentro de instantes, ele estava na rua, para o ar puro e fresco da manhã, sob o sol matinal da cidadezinha, um sol distante de inverno.

* *

Na hora do almoço, o Sr. Labogalini estava de volta ao hotel, com sua inseparável mala, que parecia mais pesada do que nunca. Deixou-a ao pé do balcão da portaria e ficou olhando em volta, como, Dangremon já o havia notado, tinha o costume de fazer.

- E então? Como foi de negócios? Bem? - perguntou Barbácio Filógio.

- Hem? - respondeu Galário Numério.

- É surdo?

- Nem uma coisa nem outra. Não posso dizer nem que sim nem que não. Em certa medida, sim. E um tanto ou quanto... é mais ou menos relativo. Médio.

- Só queria saber se vendeu alguma coisa.

- E eu respondi que... O que disse?

- Não vendeu nada?

- O que o faz pensar que eu vendo seja o que for?

- O que carrega aí na mala? Não são prospectos e amostras-grátis dos seus produtos?

- Está muito enganado, velhinho. E olha que mostrei minha identidade. Quer que mostre outra vez?

- Não é necessário.

Dangremon e Labogalini calaram-se. Labogalini se distraía girando entre os dedos a chave do quarto. Dangremon o observava. Daí a pouco, Dangremon voltou a falar.

- É que não posso acreditar que seja detetive.

- Não pode.

- É muito forte.

- É muito forte.

- Posso lhe perguntar o que faz em nossa cidade, Sr. Labogalini?

- É o que ele diz. O quê? Boa pergunta. Claro que pode. E eu respondo, com todo prazer. Ia mesmo tocar no assunto com você, uma vez que pode me ajudar. - O ar de expectativa de Dangremon credenciava-o como um bom ouvinte. - Estou a serviço, Dangremon. - Pelo menos, era este o

nome do hotel. - Estou em missão oficial.

Hotel Dangremon

Pendurado numa tabuleta por cima da porta.

- É mesmo?

- Investigo um caso.

- Em nossa cidadezinha?

- Sim.

Labogalini fazia suspense, compreendeu Dangremon. Por quê? O que achava que ele tinha a dizer?

- E então?

- Quer que eu fale sobre o caso?

- Quer falar dele?

- Naturalmente, devo lhe pedir um mínimo de discrição. Não saia por aí comentando, está bem? Isto é, a menos que consiga para mim informações

adicionais. Mas, sabe investigar sem levantar suspeitas? Será que sabe?

- Sou reservado. Pode confiar em mim.

- Está bem. Vou confiar na sua pessoa.

“Continua a fazer suspense”, disse de si consigo Dangremon.

Dangremon era gordo e pachorrento. Labogalini era magro e agitado por natureza, como uma chaleira no fogo.

- Investigo um caso ocorrido há alguns anos nesta cidade. É possível que tenha ouvido falar. Ouviu?

- Vamos ver.

Dangremon era como um cão sem pulgas, um gato de madame, que coçava a orelha por pura ociosidade.

- Um homem foi assassinado. Foi-lhe roubada vultosa quantia em dinheiro. Ouviu?